

SALINAS, PEDRO — *La Poesía de Rubén Darío*, 2a. edición, Buenos Aires, Editorial Losada S.A. (1957).

UNIVERSIDAD NACIONAL — *Investidura en el Grado de Doctor Honoris Causa de D. Antonio Oliver Belmás*, León, Nicaragua, Febrero de 1963.

(Comunicação apresentada no XIII Congresso de Literatura Iberoamericanas, Santa Monica, Califórnia, janeiro de 1967).

TRABALHO E LAZER NO TRÓPICO (*)

RENATO CARNEIRO CAMPOS

Pela primeira vez, no Recife, há mais de oito anos passados, ouvimos Gilberto Freyre falar sobre problemas do lazer preocupado que estava com as implicações sociológicas da automação. Foi êle quem nos recomendou, alguns anos depois, ao Professor Joffre Dumazedier, sociólogo empenhado num amplo movimento, na França, denominado *Peuple et Culture*, com o apoio do seu govêrno e de organizações internacionais. Movimento que tem por alvo o lazer das classes trabalhadoras. Em Paris, como bolsista, pudemos observar o seu esfôrço de homem de ciência voltado para uma sociologia que não apenas procura dar o diagnóstico, mas indica a terapêutica, sem ser intervencionista e obrigatória, antes sugestiva e democrática, que chega até a despachar a receita mas sem obrigar o doente a tomar o remédio. Com Joffre Dumazedier aprendemos que o lazer não se restringe ao simples conceito de preguiça ou de "hobby", mas se amplia em repouso, divertimento e desenvolvimento da personalidade, e que o trabalho não é apenas o profissional, o ofício, porém se estende às obrigações domésticas e às atividades sociais obrigatórias, inclusive as religiosas. Guardei a sua sentença: "Diz-me qual o teu lazer, que eu direi qual a tua cultura". Se a invertessemos também estaria certa. Com Gilberto Freyre, entre tantos outros ensinamentos de ciência e arte, ficamos sabendo que o nosso sentido de tempo, vinculado ao tempo ibérico, é bem diferente do tempo de outros países, sobretudo dos nórdicos e anglo-saxões. Recordamos, a propósito do tema que fomos incumbidos de comentar neste Seminário, alguns trechos de *Casa-Grande e Senzala*, justamente

(*) — Comentário à Conferência do Professor Freitas Marcondes — *Trabalho e Lazer no Trópico* — no Seminário de Tropicologia da U.F.Pe., em outubro de 66.

aquêles em que êle fala do ócio dos patriarcas da zona açucareira brasileira, dos senhores de engenho fazendo quase tudo pelas mãos dos negros, “uma vida de rêde”, e o admirável curto e intenso ensaio, pequeno-grande ensaio no sentido da tradição espanhola, sôbre Augusto dos Anjos, onde transcreve o consêlho dado por uma personagem de Lafcádio Hearn, no romance *Pá Combiné*, que em sua graça selvagem de rapariga de côr, lânguida meretriz, soprava no ouvido do europeu convalescente nas Índias Ocidentais Francêsas: “Não penses querido”, fazendo com que êle descobrisse no consêlho não uma face da personalidade daquela nativa, nem do momento em que viviam, “mas alguma coisa de estranha ternura, o espírito da natureza do trópico murmurando a cada forasteiro atraído aos seus encantos: “Se me amas, não penses”.

Ao relembrar tais passagens, desejamos acentuar um aspecto que os sociólogos, talvez por excesso de pudor, não desejam mencionar: o sexo como uma forma de lazer, sobretudo nos países tropicais. Mais do que as brigas de galo e de canário, os jogos de “poker” e “lasquinê”, os cavalos finos de sela, as caçadas, as viagens à Europa, os senhores de engenho consideravam, do mesmo modo que os orientais — o que está tão bem representado nas *Histórias das Mil e Uma Noites* — o sexo como seu principal divertimento, sem o sentido de mera procriação dos puritanos, “os cadáveres adiados que procriam” dos versos de Fernando Pessoa, ou de simples satisfação quantitativa dos instintos. À frase bíblica “Ganharás o pão com o suor do teu rosto”, êles preferiam, um tanto debochadamente: “Crescei e multiplicai-vos”. Daí ter sido o lazer dêsses proprietários de terra, entregues ao ócio e à fruição da vida, uma fruição da vida já herdada dos seus antepassados coloniais, que tanto deve ter contribuído e intensificado o processo de miscigenação do povo brasileiro. Recorde-se a observação de Maurício de Nassau, em relação aos holandeses no Brasil, que parece confirmar a tese de Max Weber de que o Protestantismo incentiva atos de poupança econômica, o acúmulo de capital como uma decorrência da vida tôda voltada ao trabalho e aos lucros, do êxito ser fruto da capacidade individual auxiliada por Deus, da passoa esquecer qualquer ostentação, tôda dissi-

pação vã de tempo e de dinheiro, de olhos fechados para o jôgo despreocupado da vida e da arte. Confessava o Conde Maurício de Nassau que o segrêdo da Administração, em Pernambuco, era ter em mente que os negociantes holandeses ligavam mais importância ao seu dinheiro e aos seus bens do que à própria vida, ao passo que os moradores portugueses davam mais valor à polidez e à delicadeza de maneiras do que às próprias riquezas. Interessantíssima seria uma História do Sexo do passado brasileiro, se aparecesse alguém animado pelo fascínio de levantar véus da vida íntima, fechada, sexual, da sociedade patriarcal do litoral ao sertão.

Êsse aspecto do sexo como lazer, aliás, estende-se aos trabalhadores brasileiros rurais e urbanos. Está contido nas expressões: “brincadeira de pobre”, “dos divertimentos foi o melhor que eu achei”. O ato sexual é também chamado de “brincadeira”. A liberdade sexual do homem brasileiro, o conteúdo lúdico que êle dá ao sexo, liberto dos rigores das punições das sociedades puritanas e apolíneas, fêz com que não aparecesse aqui, nêste Brasil Tropical, nenhum “Vampiro de Londres”, nenhum Jack Estripador, nenhum fuzileiro naval matando oito moças de uma só vez. Os Estados Unidos, observa Margaret Mead em seu já clássico livro *Sexo e Temperamento*, “produziram uma geração de mulheres que formaram suas vidas de acôrdo com o modêlo de suas mestras de escolas e de suas mães, agressivas e imperativas”. Acrescenta a antropóloga norte-americana: “Seus irmãos intentam em vão conservar o mito da dominação masculina, numa sociedade onde as jovens chegaram a considerar sua própria autoridade como um direito natural”. O sexo que surge nos romances de Jorge Amado, em muitos dos romances de José Lins do Rêgo, onde um dos personagens diz que o seu amor “é casto como o de um paedégua”, nada tem do sexo obscuro, mórbido, trágico dos romances de Faulkner, Henry Miller, Caldwell e Truman Capote e das peças de teatro de Tennessee Williams.

Não apenas o sexo — sugira-se aos sociólogos do lazer tendo em vista o Brasil, como civilização tropical —, mas a própria religião parece ter sido encarada, nas camadas populares, menos como obrigação espiritual do que como forma de

divertimento. Os meses de Maio, as comemorações dos dias santificados, os xangôs, alguns cultos protestantes, quando hinos religiosos são cantados em ritmo de samba, os batizados nos rios, sempre tiveram muito de alegria, de canto, de dança. Alguns padres, frequentemente, fizeram gosto de unir a sua religião ao bom comer e ao bom beber, e não foram poucos os que a espicharam ao bom amar. Começaram egoisticamente como Padres Amaros, para terminarem nos sertões brasileiros com responsabilidades de patriarcas. Capelões, na zona da mata, com batinas engorduradas de lutas buchadas, vários deles ligados aos senhores muito menos pela religião do que pelos interesses de ordem econômica, bem que podiam recitar juntos os versos de Ascenso Ferreira: “Hora de comer, — comer! / Hora de dormir, — dormir! / Hora de vadiar, — vadiar! / Hora de trabalhar? / Pernas pro ar que ninguém é de ferro. / Os sacerdotes também tiveram a sua grande quota de participação no processo da nossa atual democracia étnica. Não é demais se falar, em relação ao sentimento religioso brasileiro, na existência de uma “religião do povo”, diferente de uma religião intelectualizada, originária de uma hierarquia refinada. Ao mesmo tempo que existe essa “religião do povo”, impregnada de credences populares, de paganismo, de superstições, de sincretismo, mesmo que se trate de Catolicismo, Protestantismo ou Espiritismo, podemos falar de uma “moral popular”, englobando regras para o exercício da vida, máximas, costumes que a alimentam. Note-se que ‘essa moral popular’ está umbelicalmente ligada, do mesmo modo que a superstição, às crenças religiosas.

Certa vez, comentando a peça de Ariano Suassuna, *A Farsa da Boa Preguiça*, citamos as palavras do Irmão Leão, o Sancho Pança de S. Francisco de Assis, contidas numa biografia romanesca de Niko Kazantzakis, em que êle revelava ter encontrado Deus através da preguiça. Dirigia-se a S. Francisco: “Tu sabes, a piedade tem necessidade de preguiça e descanso. Um trabalhador que regressa a casa fatigado esquece a existência de Deus. Tem fome e não pensa senão em comer”. O sentido religioso que Ariano Suassuna imprimiu à sua peça é bem fiel à tradição do Catolicismo luso-brasileiro. À tradição

popular da Igreja Católica condicionada à realidade regional brasileira, com suas variações decorrentes dos acréscimos e supressões feitas pelo povo, que apresenta um Cristo e os Santos de maneira familiar e humana, sem pregações exageradas de infernos e penitências, a não ser nos raros e isolados casos de patologia social. O Cristo que aparece e fala na *Farsa da Boa Preguiça*, ou melhor, uma espécie de seu representante, um Cristo simbólico, pois Ariano como bom católico não poderia colocar palavras na boca do Filho de Deus, nada possui daquêlê Cristo inacessível e ferido, que de sua passagem pela terra tenha apenas a mostrar, estático na cruz, o que padeceu entre os homens, e com a exposição de suas chagas estivesse sempre a lembrar o seu sofrimento: um sofrido Cristo espanhol, semelhante ao de Velasquez, de quem Unamuno dizia que estava sempre morrendo sem acabar jamais de morrer. A figura do Cristo formada no Nordeste Brasileiro, onde cangaceiros andavam léguas para tomar a benção a sacerdotes e, às vêzes, o demônio assume figuras de bichos e as “lapinhas” mostram um menino recém-nascido e tão desamparado, não é revestida de severidade. É um Cristo que visita a casa dos pobres em forma de imagem do Menino Jesus, rosado e despido. É um Cristianismo que se exerce no Nordeste, seguindo a tradição luso-brasileira, com sua boa dose de paganismo. Nada tem de ortodoxamente puritano. Sabe o nordestino que o Cristo é sobrenatural, “suou sangue em gota forte”, como diz o poeta popular, mas bebeu vinho com os discípulos, visitou as casas dos humildes, perdoou uma prostituta por quem foi tentado. Nessa mesma peça, Ariano Suassuna faz o elogio da boa preguiça e da pobreza, um elogio que se contrapõe ao sacrifício da vida na ânsia incontida de ganhar dinheiro, ao lema “time is money” e, de certo modo, à filosofia protestante e ao espírito rotariano. Uma de suas personagens femininas, a mais autêntica, declara que o sexo é a única alegria do pobre.

Poderíamos ainda falar noutra espécie de lazer, na transformação da função fisiológica da comida em função social de festa, sobretudo em determinadas áreas brasileiras. O sarapatel, o vatapá, a feijoada, a mão de vaca, o cozido, a buchada,

dentro da nossa tradição, sempre foram considerados pratos festivos.

O Professor Joffre Dumazedier faz menção aos pensadores que antes se referiam ao lazer, embora não se detendo em tôdas suas consequências. Marx o chamava de “o espaço do desenvolvimento humano”; Proudhon: “o tempo das composições livres”; Comte: “a possibilidade de desenvolver a “astronomia popular”, etc.; Engells reclamava a diminuição das horas de trabalho a fim de que restasse a todos suficiente tempo livre para participar dos problemas gerais da sociedade. Voltando a Marx, acrescenta-se ao Professor Dumazedier, que alguns de seus seguidores chegaram, a exemplo de Stalin, a fazer do trabalho um novo Deus, uma espécie de Moloch soviético ávido de suores, exaustões musculares, fadigas mentais, de escravos vagoando por entre máquinas, fiscalizados por sacerdotes, em forma de funcionários, fanáticos e intransigentes. O Stalinismo, ou a teoria pela qual os homens são vistos como simples engrenagens mecânicas de uma grande empresa industrial, aplicada à vida, produziu resultados aterradores, denuncia o grande poeta russo Evtuchenco. Em sua *Autobiografia Precosa* fala que o trabalho foi transformado num Deus abstrato, elevada a uma altura muito superior aos homens, obrigando a todos os cidadãos a prestar-lhe oferendas diárias. Assim sendo, continua em sua crítica, reduziu a vida espiritual da nação à descrição dos diferentes aspectos do trabalho. Os artistas eram também obrigados a fazer sacrifícios ao tão exigente deus. O aço tornou-se o herói principal de diversos romances. Os artistas só faziam admirar as construções, o semeio do trigo e as máquinas modernas. Diz o poeta russo: “Se as máquinas soubessem ler, como apreciariam, os poemas dessa época!”. Esta é a palavra de um intelectual russo. Há outra palavra interessantíssima: é a do norte-americano Lewis Mumford, historiador social, sociólogo e crítico de arte, que em conferências memoráveis pronunciadas em Columbia, acusava o seu país de começar a perder os seus princípios de liberdade, e relacionando arte com técnica, apontava no mundo moderno o enfraquecimento da primeira e os exageros da segunda. Eis algumas de suas lúcidas palavras: “Voltando as mais antigas formas de arte e técnica

descobertas pela investigação antropológica, assinala que desde o começo mesmo de sua vida na terra o homem é tanto um fazedor de símbolos como um fazedor de ferramentas, pois tem necessidade de expressar sua vida interior e ao mesmo tempo de controlar sua vida exterior. Porém a ferramenta, antigamente tão dócil à vontade do homem, converteu-se numa autômata e no momento presente o desenvolvimento das organizações automatizadas ameaça a converter o homem mesmo numa ferramenta passiva. Felizmente, isso não significa o fim da arte nem o fim do homem. Pois os impulsos criadores que se agitaram na alma humana milhares de anos atrás, quando a curiosidade, a capacidade manual, a crescente inteligência e sensibilidade do homem lhe fizeram desprender-se da letargia animal — êstes fundos impulsos não desapareceram porque, temporariamente, tenha escapado a seu domínio um aspecto de sua natureza, o disciplinado pela ferramenta e a máquina. Se trata de uma deformação momentânea do crescimento e correspondente à natureza da vida mesma, depois de um período de crescimento, tratar de restabelecer o equilíbrio, a fim de estar apta para o ato de crescimento seguinte”.

Pelos trechos citados, de um poeta russo e de um sociólogo norte-americano, podemos ver que o trabalho não é mais o núcleo dos seus pensamentos. Ambos parecem repelir o trabalho standardizador e mecanizado. E, por entre suas palavras, já podemos entrever o sonho de uma nova era: a do lazer. Um pensando, talvez, nos versos de Maiakovski: “O homem / Livre / A quem chamo / Virá! / Cria-me / Virá!”, e o outro nas palavras de Walt Whitman ao julgar que mais profundas do que os sucessos materiais seriam as vigorosas literaturas, das quais ninguém ainda suspeita, perfeitas personalidades e sociologias originais, transcendentais, exprimindo a Democracia e a modernidade, que no seu sentido mais alto ainda não foram exprimidas”. Interessantíssimas também são as palavras de Bertrand Russel no seu *Elogio do Lazer*, onde defende apenas quatro horas de trabalho para o trabalhador.

O interêsse pelo lazer, por parte de cientistas sociais de diversas partes do mundo, chamando a atenção até dos organismos internacionais, decorre, como já é sabido, do fato de que

em alguns países da Europa e da América do Norte a máquina vem substituindo o homem em suas tarefas profissionais, e do fato, ainda, de que a medicina preventiva vem conseguindo que as pessoas atinjam, cada vez em maior número, uma idade avançada, aposentadas logo na idade madura, aumentando o número dos que ficam como donos do tempo sem saber o que fazer com êle. Com excessões de algumas manchas mais industrializadas, tal problema não se apresenta de maneira aguda no Brasil. Aqui, em muitas regiões, vive-se precariamente. O homem, na maioria das vezes, faz o papel de máquina, de burro de carga. Na zona rural, entre os trabalhadores, quase não se pode falar em horas folgadas, pois a vida é uma espécie de trabalho constante, tanto para o homem como para a mulher e o menino.

Nos regimes capitalistas sempre se costuma atribuir criação apenas à burguesia; oculta-se o esforço das massas trabalhadoras. O trabalho, ao nosso ver, deve ser não simplesmente o direito de ganhar mais, porém o direito de criar, o que só é possível nos países que possuam exercício democrático e uma mais justa distribuição das riquezas. O trabalhador necessita viver num ambiente onde possa perceber não apenas o seu país, mas o mundo, sem se deixar ficar limitado ao seu estreitíssimo lugar de trabalho, escuro e sem horizontes. Entenda-se trabalho criador não somente no sentido de produção industrial ou agrícola, mas que abranja também o político, o artístico, e o moral, que constitua um complexo de sentimentos físicos e intelectuais, terminando por ser sentimento profundo de vida, uma sensação de dignidade e segurança. Que seja menos um dever do que uma livre manifestação de forças criadoras, e precise tanto como o lazer, ser considerado um desenvolvimento da personalidade. Mais uma atitude ativa do que passiva. Algo assim que se possa contrapor, em determinadas zonas infelizes do nosso país, ao regime de estupidez em que vive o trabalhador, de adulação, de opressão, de amedrontamento, de servilismo e de piedade formalizada e oficializada, onde as ferramentas nada têm de suaves mas de bolas de ferro de antigos sentenciados. Os trabalhadores necessitam ser elementos ativos e eficientes de uma verdadeira democracia. O embrutecimento

moral e político, decorrente de formas arcaicas de servidão, faz com que tenhamos uma opinião desagradável de nós mesmos, que sejamos alvos de formas disfarçadas e até claras de proteção por parte de governos estrangeiros que nos entregam benefícios com a mão esquerda e nos roubam com a direita. Devemos quebrar a rotina farisaica; drenar os intransitáveis mangues da acomodação; consertar os vícios de incompetências seculares. Um povo, dizia Ortega y Gasset, é uma soma de desejos, de interesses, de paixões e de inteligências. Quanto maior seja a multidão de consciências vivas que atuem por intercâmbios, em forma de solidariedade ou em forma de luta, dentro de uma unidade social, mais fortes serão as potências destas. Lamentava, ao dizer estas palavras, o grande número de espanhóis que não contribuíam para a síntese nacional. Não importava a êle que o voto da gente rural não chegasse ao parlamento, pois o que lhe importava demasiadamente é que o sentir e o pensar dessa gente se evaporasse de maneira vã. Como professor de Universidade, mestre de gerações, confessava que necessitava da colaboração dos rurais muito mais do que êles da dêle. Julgava que, com a ausência espiritual de tantos espanhóis da zona rural, a vida do país era uma inepta ficção e, apesar dos seus grandes esforços, grande parte de suas próprias teorias estavam condenadas a ser puro artifício. Repugnava ao autor de *Rebelión de las Masas* e velha tecla do trabalhador desamparado. Sugeriria tratá-lo de maneira inteiramente contrária ao compadecimento, ao aconselhar aproveitá-lo socialmente, nacionalmente, humanamente.

Ao invés de se proletarizar o trabalhador rural, transformá-lo numa peça de engrenagem capitalista, mais acertada seria lhe dar terras para plantar, formar cooperativas, intensificar a educação de base, protegê-lo através da imprensa, ampará-lo com ajudas técnicas, auxiliá-lo com o crédito oficial, oferecer meios para a sua recreação.

Cientistas brasileiros já desmoralizaram a teoria de que a preguiça e a incapacidade são características tropicais. É o que se pode ler nos trabalhos de Roquete Pinto, Fróes da Fonseca, Gilberto Freyre, Silva Melo, Pessoa de Morais, para citar apenas alguns dêles. Não se pode, nem queremos negar, no en-

tanto, que outro é o nosso ritmo de vida, e assim o queremos conservar. Não consideramos a prolongada sesta como sinal de preguiça ou atrazo, antes uma maneira de adaptação ao ambiente, no sentido em que adaptação se confunde com alimentação, no dizer de Gilberto Freyre. Outra é a nossa arte, a nossa técnica, a nossa música, a nossa dança, e deve ser também o nosso regime político. O nosso trabalho deve conter o sentido de repouso do índio, a alegria do negro, a tenacidade do português, tudo animado pela inteligência e o espírito de criação do brasileiro. O progresso há de ser um ritmo nosso, não querendo dizer com isso que se despreze o exemplo de técnicas mais avançadas. A orientação do tempo livre também precisa conter um suporte nacional através dos meios de divulgação, televisão, rádio, jornal, cinema, livros, sem nada de imposto e standardizado. Recordamos que Gramsci, o fundador do Partido Comunista Italiano, considerado um dos grandes críticos literários contemporâneos, inicialmente discípulo de Benedetto Croce, advogava para o seu país uma literatura folhetinesca nacional. Sabia êle que sempre haveria, em qualquer regime, um público para tal espécie de leitura, possuidora de certo fundo ético, onde o bem sempre sobrepuja o mal. Pois bem, nas atuais novelas de televisão, que nos tempos atuais parecem substituir tal espécie de literatura, o que se encontra, com mais frequência, são dramalhões importados de outros países.

Para terminar, podemos concordar com Ariano Suassuna que não devemos falar tanto em lazer num país de tão grandes recursos naturais, ainda para serem explorados, sob pena de ficarmos entregues a um irremediável atrazo. Mas, acredito que o lazer, as horas não dedicadas ao trabalho podem ser melhor orientadas, não no sentido de um se divertir-esgotante, mas de um se divertir-aprendendo, que ajude o homem a melhor se integrar na sociedade, ofereça melhores condições para a sua luta de emancipação.

POEMAS DIDÁTICOS

FRANCISCO BANDEIRA

I — *Um homem no mundo*

À mesa, ou às janelas verdes do além,
fazes parte da harmonia do universo
o teu gesto de amor
é um princípio de mundo
que mil vêzes a cada instante recomeça
e termina
para que existas
sem finalidades nem sonhos nem prantos
ou sonhos e prantos e flôres e máquinas.

II

Estás à janela
de costas às constelações que rumorejam
aos dínamos suaves do mundo
que trabalham sem cessar nem cansaço
isentos de tôda atenção
de tôda solidão, amor, música, desespero.

Ao mundo que trabalha
há séculos, anônimamente,
para que existas e ames
vegetalmente ames
e sonhes inútil
e vivas — corpo minúsculo
jogado no espaço —
junto aos homens, aos ádrios, aos oceanos
e às comidas procuradas ou despresadas
do almôço.